



Tribuna Homenagem ao presidente Zoellick, do Banco Mundial

Para sair da pobreza: ideias e saber

A economia mundial, no seu conjunto, está a fazer progressos nunca imaginados. Apesar disso, muitos países e populações vivem totalmente à margem deles. Os governantes dos países desenvolvidos e as instituições supranacionais poderiam ter um papel mais empenhado e construtivo, sabendo como as desigualdades só levam à frustração, ao terrorismo e à destruição.

Com a saída recente do presidente do Banco Mundial (BM), Robert Zoellick, é bom lembrar alguns dos seus passos para tornar essa entidade mais operativa e eficaz na luta contra a pobreza. É discutível a trajectória do BM e a inépcia da sua actuação. Contudo, Zoellick merece a admiração pela busca de caminhos novos e mais acertados. Visitou a Índia, logo após a sua posse para louvar o caminho por ela percorrido nos últimos anos, e homenagear as capacidades tecnológicas e organizativas. Insinuou que a Indian Railways (IR) saísse das fronteiras para actuar noutros continentes, com o seu saber acumulado. (A Índia fornece locomotivas a Moçambique, Mali, Senegal e Tanzânia; e carruagens a Angola). Mostrou interesse em ser parceiro das empresas indianas na sua actuação naqueles países. Referiu-se aos “modelos de negócio revolucionários” desenvolvidos na Índia para proporcionar cuidados de saúde – cirurgia



Eugénio Viassa Monteiro
Professor da AESE e autor do livro *O Despertar da Índia*

cardíaca e ocular de qualidade, entre outras – a baixos custos.

Novos ventos têm de soprar nos organismos internacionais, buscando maior eficiência nos recursos aplicados. É de felicitar o presidente do BM que está de saída, por ter iniciado essa busca, indagando como servir melhor um país; e, mais, tentando saber como a Índia poderia ajudar outros. Algo sem precedentes!

Sem minorar o elogio a Zoellick, os futuros presidentes deveriam ir mais longe, ajudando a dotar os países de meios autónomos para o seu desenvolvimento. Para tal precisam de ter boas escolas para formar técnicos de todo o género. A carência de médicos, agrónomos, engenheiros, informáticos, farmacêuticos é, nos países pobres, confrangedora, sem saberem como ultrapassá-la. Em geral faltam-lhes professores bem preparados, para alimentar escolas superiores de nível, que formem especialistas de qualidade.

Por que não financia o BM e pede um esforço à Índia para que as suas universidades realizem, em colaboração com os países interessados e o BM, programas para 15 ou 20 anos, de modo a dotá-los de boas faculdades, com *staff* docente de qualidade – muito selectivas, obrigando os alunos a uma preparação prévia exigente, como acontece nos Indian Institutes of Technology ou nos seus Medical

Colleges –, para lhes possibilitar dispor de recursos humanos adequados, aptos a darem bons serviços da sua especialidade? Seria importante Portugal ter, nesse processo conjunto, um papel aglutinador, dada a sua longa história e experiência com boa parte desses países.

A Índia está a dar provas de incontestável capacidade de formar técnicos e ter sucesso em TIC: Tecnologias de Informação e Comunicação, Engenharias e, sobretudo, em Medicina. Sirva de exemplo a cadeia Apollo Hospitals of India, que tem 54 hospitais, com 9.000 camas, e anunciou o lançamento de mais dezenas de hospitais pequenos, nas cidades de província, com 100 camas cada um, num curto período de tempo; o presidente da Tanzânia pediu ao chairman da Apollo que tomasse a direcção de um novo hospital de 350 camas em Dar-es-Salam, explicitando que gostaria de lhe entregar a direcção de mais cinco hospitais futuros a construir.

Também a dinâmica do BM tem de ganhar em ousadia, incidindo no reforço de núcleos transformadores das sociedades, que são as elites locais. A determinação de acabar com o sofrimento evitável resultante da fome, doença, guerra absurda, iliteracia, etc., em todas as partes do mundo, deve vir caldeada por uma corrente de opinião bem fundamentada e defendida pelas elites locais, comprometidas com o bem-estar da sua gente.